

A importância da pesquisa na Geografia: Uma relação com a Geografia de Gênero

The importance of research in Geography: A relationship with Gender Geography

Mariana Romanzini Freire – marianaromanzini@gmail.com
Mestranda em Geografia da Universidade Federal de Alfenas
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0144-5506>

Geraldo Magela De Oliveira Júnior – magelagmj@gmail.com
Mestrando em Geografia da Universidade Federal de Alfenas
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6871-557X>

Resumo

Este artigo visa demonstrar a importância da pesquisa em Geografia, considerando a abordagem da ciência em geral, passando a ter enfoque na relação com a geografia de gênero, mais especificamente como pesquisas sobre o cotidiano feminino no âmbito geográfico podem auxiliar na causa da violência contra a mulher. Para isso, buscou-se uma articulação entre as pesquisas científicas desenvolvidas na área como um todo, para assim chegar na realidade das mulheres. Visa-se também, um enfoque na importância social deste tipo de pesquisa, e como essas podem vir a auxiliar a sociedade. Para chegar aos resultados esperados, será feita a utilização do método materialista-histórico-dialético, com uma metodologia quali-quantitativa, fazendo-se um levantamento bibliográfico de autores que pesquisaram sobre o tema em questão, para então se obter um maior embasamento do tema estudado, além da análise de dados que englobem a relação da violência contra a mulher e as desigualdades sofridas por esse gênero, para que, dessa forma, se consiga analisar a história da geografia de gênero, como essa se perpetuou e o porquê é necessário o seu estudo.

Palavras-chave: Pesquisa em Geografia, Gênero, Métodos.

Abstract

This article aims to demonstrate the importance of research in Geography, considering the approach of science in general, focusing on the relationship with gender geography, more specifically how research on women's daily lives in the geographic scope can help in the cause of violence against women. For this, an articulation between the scientific research developed in the area as a whole was sought, in order to reach the reality of women. It is also intended to focus on the social importance of this type of research, and how they can help society. In order to reach the expected results, the materialist-historical-dialectical method will be used, with a qualitative methodology, making a bibliographic survey of authors who researched on the topic in question, in order to obtain a greater basis on the topic. studied, in addition to the analysis of data that encompass the relationship of violence against women and the inequalities suffered by this gender, so that, in this way, it is possible to analyze the history of gender geography, how it was perpetuated and why it is necessary to your study.

Key words: Research in Geography, Gender, Methods.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo demostrar la importancia de la investigación en Geografía, considerando el enfoque de la ciencia en general, centrándose en la relación con la geografía de género, más específicamente cómo la investigación sobre la vida cotidiana de las mujeres en el ámbito geográfico puede ayudar en la causa de la violencia contra las mujeres. Para ello, se buscó una articulación entre las investigaciones científicas desarrolladas en el área en su conjunto, con el fin de llegar a la realidad de las mujeres. También se pretende incidir en la importancia social de este tipo de investigaciones, y cómo pueden ayudar a la sociedad. Para llegar a los resultados esperados se utilizará el método materialista-histórico-dialéctico, con una metodología cuali-cuantitativa, realizando un levantamiento bibliográfico de autores que investigaron sobre el tema en cuestión, con el fin de obtener una mayor fundamentación sobre el tema. estudiada, además del análisis de datos que engloban la relación de la violencia contra la mujer y las desigualdades que sufre este género, para que, de esta forma, sea posible analizar la historia de la geografía de género, cómo se perpetuó y por qué es necesario para su estudio.

Palabras clave: Investigación en Geografía, Género, Métodos.

Recebido em: 20/07/2022
Aceito: 20/09/2022
Publicado: 03/10/2022

Introdução

De princípio vale ressaltar que as pesquisas na Geografia são importantes para se compreender o que ocorre no espaço. Estudar sobre as interações presentes por meio de uma visão geográfica coloca um sentido sobre os diferentes acontecimentos e conceitos existentes. Logo, pode-se dizer que a continuidade dessas pesquisas também são necessárias, dado ao fato de que tudo é mutável, o que justifica o fato de se buscar compreender o presente (e o futuro) através do passado. Para (SANTOS, 1988):

Ora, o contexto é sempre mutável. Por isso, a cada dia se inventam novas formas de analisar o passado e o presente. Cada explicação é sempre a crítica da explicação precedente. Como para os demais aspectos da totalidade, uma teoria do espaço que deseje ser válida deve levar em conta que a realidade se renova cotidianamente. (p.7)

Dessa forma, se traz a importância de análise, logo, da pesquisa, para se entender o objeto de estudo, o que pode justificar também a necessidade do surgimento e abordagens de novos temas dentro das ciências, como a Geografia de gênero, por exemplo, que passa a obter maior enfoque apenas no início dos anos 1980. Para Silva (2000, p.1):

São nos anos oitenta que diferentes movimentos feministas começam a criticar a condição da mulher no Brasil. E na academia as pesquisadoras não ficam imunes aos apelos por uma maior igualdade social entre os sexos. As ciências humanas e sociais, particularmente a sociologia, a demografia e a história, produzem trabalhos abordando diferentes temáticas, com uma perspectiva de resgatar a mulher e seu papel nas diferentes sociedades e particularmente na sociedade brasileira contemporânea. Assim, os estudos de gênero no Brasil crescem em qualidade e quantidade durante os últimos 20 anos. (p. 1)

Esse papel de resgate, colocado pela autora, refere-se também a busca pelo conhecimento sobre o gênero, o que é fundamental para que se compreenda a trajetória feminina ao longo dos anos, entendendo as desigualdades e injustiças presentes desde o início dos tempos, buscando então uma relação entre as diferentes décadas. Sendo assim, o fato de que, mesmo após cerca de 20 anos do texto citado, as buscas por esses estudos continuam crescendo demonstram também a existência da contribuição dos estudos na área.

A pesquisa é um tipo de estudo que se fundamenta em determinados caminhos (métodos e técnicas), com o objetivo de apresentar soluções para problemas que envolvem as pessoas em suas atividades cotidianas (ARAÚJO, 1996, p.2). Considerando isso, qual o papel da geografia nas relações sociais e nas

pesquisas? Como a pesquisa se demonstra importante e como essa contribui para auxiliar nos problemas decorrentes da sociedade como um todo? Como essas pesquisas se articularam (e se articulam) para chegar ao reconhecimento de temas relevantes? E como as pesquisas geográficas se envolvem na questão da violência de gênero?

Metodologia

Para trabalhar melhor o assunto, foi utilizado o método do materialismo histórico-dialético, uma vez que não se tem a intenção de partir de uma neutralidade do assunto, e sim causar uma reflexão e uma problematização sobre o tema, indicando a luta presente nas predominâncias de gênero dentro da sociedade, buscando uma mudança nas relações sociais. Dito isso, o materialismo histórico-dialético, na sua essência, se apresenta como um método capaz de gerar núcleos de sentido a partir da noção de contradição, que não opões indivíduo-sociedade, mas prevê desvelar suas mediações constitutivas (ALVES, 2010, p. 11).

Além disso, se terá uma metodologia qualitativa que ficará responsável por uma revisão bibliográfica sobre o assunto, fazendo uso de autores que possam vir a contribuir com o tema, como (ARAÚJO, 1996), (SANTOS, 1988), (SILVA, 2000), (ANDRÉ, 1990), entre outros. Busca-se entender o tema de uma maneira mais subjetiva, para (Martins, 2004, p.292):

“Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la.” (p.292)

Por fim, será feita a análise de dados sobre as questões de gênero, e a violência contra a mulher, obtidos por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dessa forma, pode-se dar ênfase a teoria, colocando dados quantitativos.

A Pesquisa na Geografia

Considerando a pesquisa geográfica, pode-se dizer que esta possui um amplo caminho até passar a trabalhar com temáticas que envolvam uma parte mais social. De princípio, os geógrafos costumavam estudar somente a relação do

FREIRE, Mariana Romanzini. OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Magela. A importância da pesquisa na Geografia: Uma relação com a Geografia de Gênero. **Boletim Alfenense Geografia**. Alfenas. v.2, n.4, p.173-188, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-10>

homem com o espaço, sem a interação desse pelos meios sociais. Ou seja, a Geografia possui fortes bases no holismo, influência de Humboldt e Ritter, por exemplo, já que, assim como indica (MOREIRA, 2009, p.24):

ambos são parte do holismo prevalecente no Iluminismo e no Romantismo, dos quais suas respectivas idéias provêm. O tema é o mundo (natural-humano) do homem e não se pensa homem e natureza em dissociado, porque para ambos a referência da geografia é a superfície terrestre e o homem o ser que vive na superfície terrestre. (p.24)

Relacionado a isso, pode-se dizer que, apesar do contexto de início da Geografia, com o tempo foi-se vendo necessidade de se iniciar novos tipos de pesquisa, que englobassem os acontecimentos da sociedade, isso se deu, principalmente, pós Segunda Grande Guerra, como indica (Camargo e Reis Júnior, 2004, p. 356):

O que aconteceu é que logo após o término da Segunda Guerra Mundial, a sociedade viu-se amplamente transformada. [...] A partir dessas mudanças, alguns geógrafos começaram a perceber que a Geografia Tradicional, empírica e descritiva, não mais atendia aos anseios de um verdadeiro conhecimento científico, necessitando de urgentes reformulações (notadamente, no sentido de seguir os moldes da ciência neopositivista). Surgiu então uma nova corrente de pensamento no seio da Geografia e que passou a ser denominada de “Geografia Quantitativa e Teorética”. (p. 356)

Porém, logo se viu também que essa Geografia quantitativa, que trouxe o espaço como conceito chave, não se demonstrou suficiente para tratar dos problemas atuais, pois a concepção do espaço dos geógrafos teóricos-quantitativistas é limitada. Para (SANTOS, 1978) a intitulada Geografia Quantitativa marca o ponto máximo da desespacialização do espaço reduzido a uma teia de coordenadas sem relação com o real, onde a história – ou seja, o homem – era sistematicamente afastado. Ainda para o autor:

O espaço que a Geografia matemática pretende reproduzir não é o espaço das sociedades em movimento e sim a fotografia de alguns de seus momentos. Ora, as fotografias permitem apenas uma descrição e a simples descrição não pode jamais ser confundida com a explicação. Somente esta pode pretender ser elevada ao nível do trabalho científico. (p. 75).

Dito isso, foi-se realizando diversas críticas a essa, até que passou a ser considerada uma vertente da Geografia. Neste contexto, surge então a Geografia Crítica. Nessa, o espaço permanece como conceito chave, mas se associa as possibilidades analíticas do materialismo-histórico-dialético, desenvolvendo a questão do espaço geográfico (BESSA, 2004). Na fase da "geografia

radical/crítica" um esforço de unificação é feito através dos conceitos de espaço pelo lado da ação do homem e do meio ambiente pelo lado da ação da natureza, espaço e meio ambiente unificando-se no limiar do plano concreto dos territórios (MOREIRA, 2004).

Vale ressaltar que, segundo (ANDRÉ, 1990) conflitos e questões de ordem social, que marcaram o início dos anos 1960 também impuseram novas preocupações à geografia, o que pode ter sido responsável por uma vertente voltada para o social, e, se sobrepondo aos comportamentos individuais, a organização social passou a entrar em pauta. Mas, somente nos anos 1970 e 1980 a geografia aumentou seu campo de intervenção, aumentando os referenciais teóricos e suas análises, reformulando-as. Nessa mesma época se origina a Geografia Crítica, justamente por esse movimento de renovação geográfica. Nesta Geografia, há uma preocupação com a relação do homem e do espaço, estudando-se também as potencialidades que esses acarretam. Para (Santos, 1978, p.171):

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Fazendo um apanhado contextual, e a nova temática colocada por essa ciência, considera-se o que é colocado por (Castro, 2013, p. 82):

Os primeiros estudos geográficos sobre a temática em questão, produzidos na esteira da conjuntura do final da década de 1970, foram influenciados pela produção de cientistas sociais e filósofos europeus que introduziram nas suas reflexões e preocupações acerca dos significados do espaço no processo de produção da sociedade. Se, de um lado, a análise espacial nunca foi monopólio da geografia, tampouco as reflexões sobre os movimentos sociais deve ser atributo apenas da sociologia. Tal compreensão contribuiu para aproximar no interior das ciências sociais disciplinas como geografia, história, sociologia e economia. Embalada pelo movimento de renovação da geografia brasileira, que deu origem no Brasil à chamada geografia crítica, aquela geração de geógrafos “bebeu” um intenso e profícuo debate produzido na década de 1970 em torno do espaço como categoria analítica. Filósofos, sociólogos e geógrafos tiveram como ponto de partida os movimentos que fizeram do ano de 1968 o marco histórico da percepção de que apenas a análise temporal não é suficiente para uma leitura fiel da realidade. (p. 83)

Apesar da ampla contribuição da Geografia Crítica para as relações sociais nesta década, não foi de imediato que a Geografia passou a tratar os problemas estruturadores da sociedade como um todo. Em 1990 (ANDRÉ, 1990) indica que

apesar da diversidade temática, manteve-se uma condição mais ou menos explícita sobre os limites de intervenção da Geografia, que só abrangiam o domínio público, ou seja, a intimidade estava, de alguma forma, excluída das preocupações geográficas. Dessa forma, as relações como as de gênero foram sendo abordadas aos poucos, à medida que se via a necessidade de abranger assuntos voltados para uma maior pessoalidade.

Porém, ainda hoje o conjunto dos homens pesquisadores na área da Geografia conseguem publicar com mais intensidade nos veículos acadêmicos de maior qualificação, conforme a CAPES. Além disso, a supremacia masculina também marca os conselhos editoriais dos periódicos científicos analisados (Silva, Cesar e Pinto, 2015). O que deixa claro que ainda há um processo o qual a Geografia deve passar para que exista uma equidade entre os gêneros dentro desta ciência.

Relação de gênero e pesquisa: Uma relação social

Fazendo uma relação voltada para a questão de gênero, como dito, é perceptível que a crítica sobre o tema é recente. No final dos anos 1980, é possível observar colocações como as de (Bowlby et al. 1986, p.328):

Nas análises regionais e urbanas, o papel dos gêneros tem sido excessivamente enfatizado e, paralelamente, tem-se limitado a investigação ao âmbito das relações econômicas e dos locais de trabalho. A esfera doméstica é examinada apenas em função de emprego. De facto, tem sido prestada pouca atenção à articulação entre o mercado de trabalho, a família e a comunidade no que respeita às desiguais relações de poder entre homens e mulheres. (p. 328).

Dessa forma, a mulher passa a ter maior enfoque a partir do século XXI, pois, se relacionar a Geografia de maneira mais ampla, ao observar a produção da teoria geográfica observando a quem servia as produções ou quem se beneficiava com o avanço da ciência, percebe-se que possui uma base hegemonicamente masculina (Silva, 2003). Além disso, a produção do espaço geográfico acontece sob as relações capitalistas de produção, originando espaços desiguais e inter-relacionados, influenciados pela ação do Estado e do capital, gerando um desenvolvimento combinado e desigual. Para Rodrigues (2008).

Porém, apesar da demora ao retratar os assuntos de gênero, essa problemática, assim como a violência contra a mulher, não é um fenômeno novo

FREIRE, Mariana Romanzini. OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Magela. A importância da pesquisa na Geografia: Uma relação com a Geografia de Gênero. **Boletim Alfenense Geografia**. Alfenas. v.2, n.4, p.173-188, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-10>

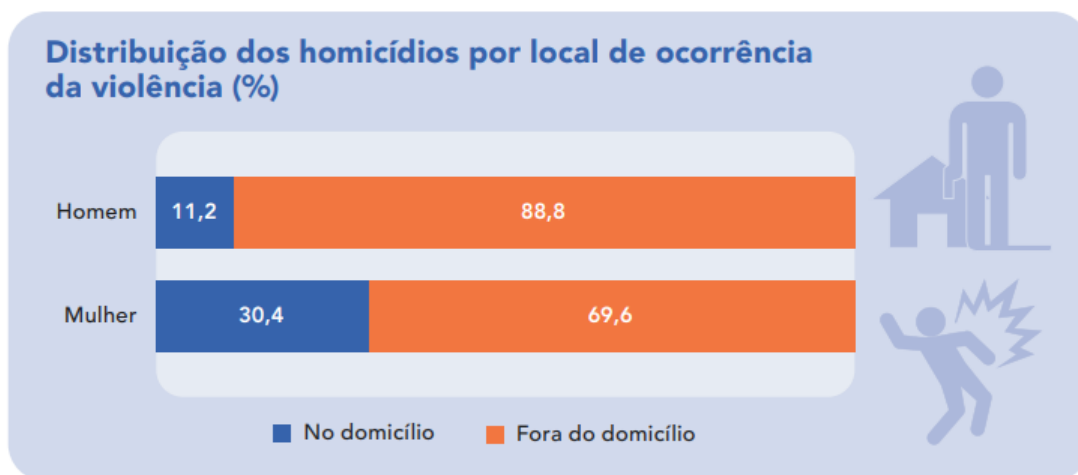
na sociedade, sendo relevante ressaltar que esse tipo de violência se origina na desigualdade de gênero (AGUIAR, 2015). Observando os números de homicídios de mulheres por morte violenta no Brasil, da vertente da Geografia feminista, também é possível evidenciar que a violência contra a mulher se relaciona a essa desigualdade, além de se comunicar com as desigualdades socioeconômicas, principalmente quando observando os dados dos municípios brasileiros, pode-se encontrar então uma correlação entre diferenças de renda, educação e criminalidade. (GONÇALVES, SINAY e AYROSA, 2020).

Dessa forma, é possível dizer que o estudo sobre gênero na geografia possui grande relevância, pois, sendo essa uma ciência que estuda, em grande parte, a interação com o espaço, os indivíduos presentes nesse ambiente são essenciais, visto que estão relacionados a tudo que acontece no meio. Logo, a interação que envolve as violências do cotidiano das mulheres também se relaciona a questões do espaço geográfico. Como, por exemplo, as localidades dos casos, o número de violência com o passar dos anos e a relação com as questões econômicas. Para (CAMPOS, 2017, p.11):

Diante da naturalização do fenômeno e das especificidades da experiência vivida de violência, estas mulheres são constantemente silenciadas em seu cotidiano. Isto porque, as desigualdades de gênero são acompanhadas nestes contextos por outras desigualdades sociais, envolvendo a precariedade de infraestrutura e de serviços públicos recorrente nestas áreas que têm impacto significativo na vida das mulheres. (p.11)

No contexto brasileiro, é notável que os homicídios contra a mulher é presente em grande escala dentro também das residências, de acordo com o Censo do IBGE – 2018, como se pode observar pela figura 1.

Figura 1: Índice de homicídio distribuídos por gênero, Brasil, 2018.



Fonte: 1. BRASIL. Departamento de Informática do SUS

Observando o gráfico, é possível dizer que a taxa de homicídios de mulheres dentro de suas próprias casas representa mais de 30%, enquanto a de homens, cerca de 11%. Isso comprova que a segurança feminina não está garantida nem dentro de seus próprios domicílios. Além disso, segundo a AGÊNCIA BRASIL (2020), quando se considera somente o estado de São Paulo, em 2019, a cada 10 vítimas de feminicídio, 7 foram assassinadas dentro de casa. Um total de 125 mortes ocorreram nas residências das vítimas no ano passado, o que representa um aumento de 40% em relação a 2018, em que ocorreram 89 mortes em casa. Uma das justificativas para isso foi a pandemia do COVID-19, como colocado por (SUNDE, SUNDE e ESTEVES, 2021):

Isso deve-se a vários fatores como convivência mais próxima dos agressores e das vítimas, que, no novo contexto, podem mais facilmente impedi-las de se dirigir a uma delegacia ou a outros locais que prestam socorro às vítimas, como centros de referência especializados, ou, inclusive, de acessar canais alternativos de denúncia, como telefone ou aplicativos. (SUNDE, SUNDE e ESTEVES, 2021, p.70).

Vários elementos contribuem para isso e a relação de desigualdade entre homens e mulheres, a situação socioeconômica desfavorável, relação de poder, falta de legislação e serviços disponíveis para as mulheres em situação de violência, a tolerância e a legitimação social da violência entre outros fatores. Ademais, entre as leis contra a violência contra a mulher e a vida há um fosso, sendo mais difícil que mudar as leis, mudar as mentalidades, mas há uma necessidade de mudar as relações assimétricas entre homens e mulheres (Teles e Melo, 2017).

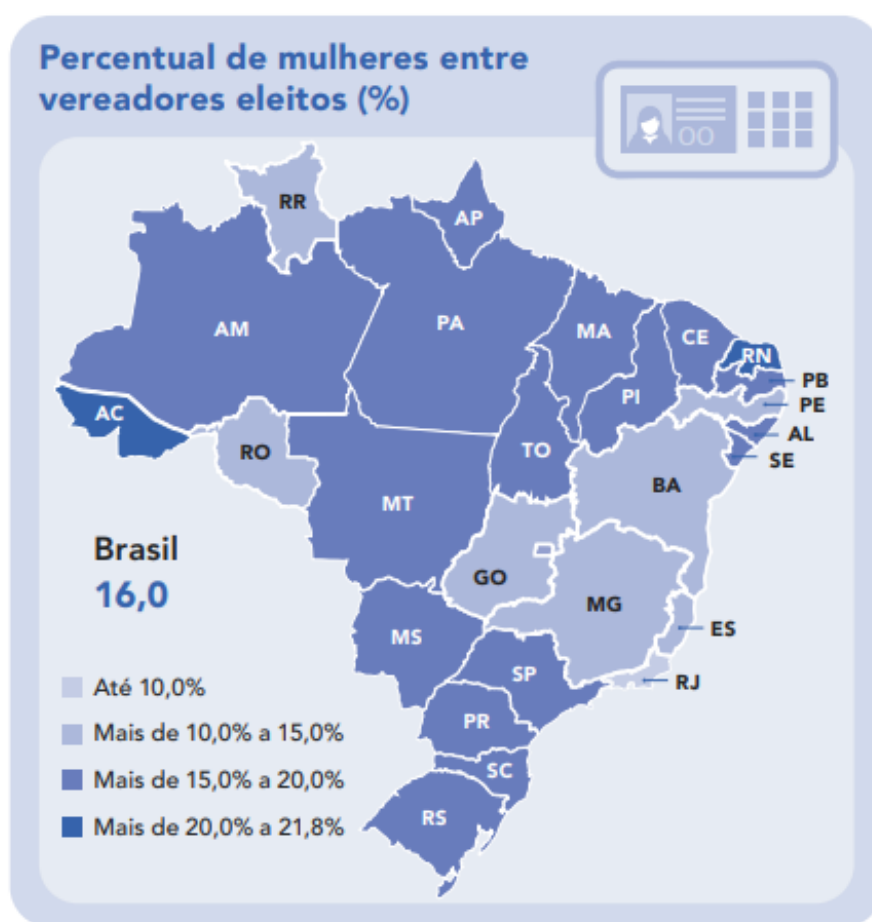
FREIRE, Mariana Romanzini. OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Magela. A importância da pesquisa na Geografia: Uma relação com a Geografia de Gênero. **Boletim Alfenense Geografia**. Alfenas. v.2, n.4, p.173-188, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-10>

Corroborando a isso, (REIS, 2015) coloca:

no caso das mulheres, suas características físicas e biológicas, serviram de fatores para sua inferiorização, mantendo-a subjugada e, dessa forma, mais disponível à exploração. De naturais, as diferenças entre os sexos passaram a ser culturais, e por isso a categoria de gênero é útil para compreender essa construção social, sobre o que é entendido como feminino ou masculino, e desnaturalizar a opressão feminina, ao revelar as bases materiais e simbólicas das desigualdades entre homens e mulheres. (REIS, 2015, p.14).

Assim sendo, convém também se estudar essa relação cultural que passou a contribuir para as diferenciações de gênero, corroborando para a violência contra a mulher e para a manutenção das desigualdades. Dentre as diferenciações entre os sexos, é possível observar que, no Brasil, essas também são políticas (Figura 2):

Figura 2: Percentual de mulheres entre os vereadores eleitos, Brasil, 2020.



Fonte: REPOSITÓRIO de dados eleitorais. Brasília, DF

Os dados apresentados se referem apenas aos candidatos em eleições ordinárias, não estando incluídos na tabulação candidatos cujas informações

FREIRE, Mariana Romanzini. OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Magela. A importância da pesquisa na Geografia: Uma relação com a Geografia de Gênero. **Boletim Alfenense Geografia**. Alfenas. v.2, n.4, p.173-188, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-10>

constam como "não divulgável" no site do TSE. Além de não apresentados candidatos sem informação de cor ou raça. Mas já é possível analisar que a porcentagem feminina no cargo é relativamente baixa. Além disso, de acordo com o IBGE – 2020, o Brasil era o país da América do Sul com a menor proporção de mulheres exercendo mandato parlamentar na câmara dos deputados e encontrava-se na 142^a posição de um ranking com dados para 190 países.

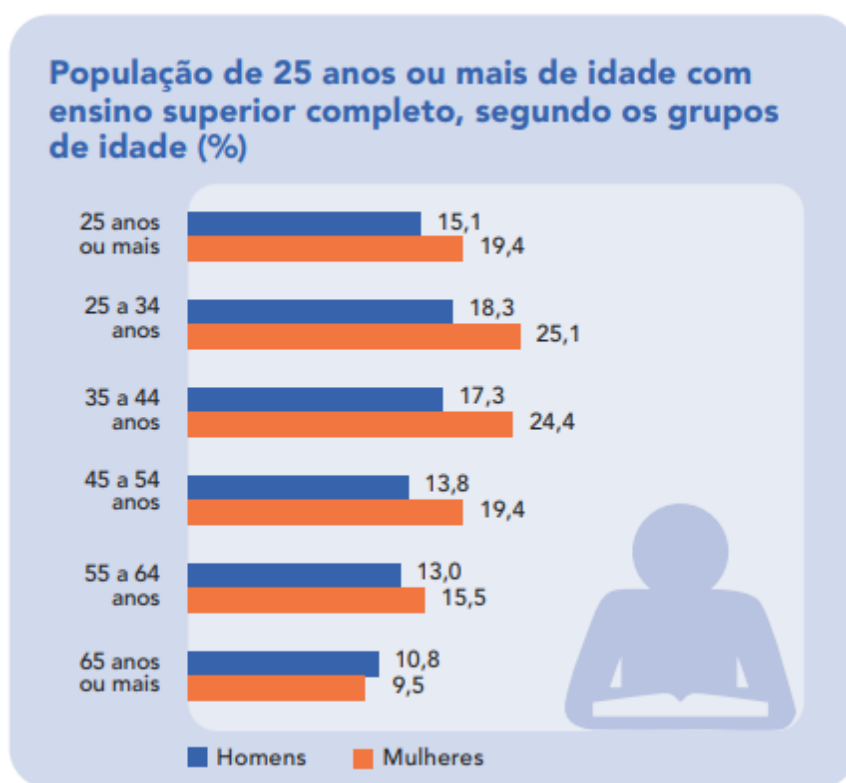
Considerando que, ainda segundo o Instituto Brasileiro, as mulheres representavam cerca de 52% em 2019, há uma sub-representação governamental. As desigualdades encontradas nessa política dos gêneros constituem sérios entraves para a vitalidade das democracias contemporâneas, limitando e condicionando o avanço da promoção da igualdade de gênero em outras áreas da vida social (OLIVEIRA, 2015). A autora também coloca que:

A presença feminina nos postos de tomadas de decisões, além de objetivar a garantia da qualidade as democracias, também, se posiciona como uma tentativa de romper com barreiras sociais e estruturais construídas ao longo da história da humanidade. Não se trata apenas de eleger representantes de um grupo minoritário, mas também, de abrir espaços nos quais vozes que estão às margens da estrutura social possam ser ouvidas. (OLIVEIRA, 2015, p.14)

Sendo assim, torna-se necessário que haja mulheres em cargos de representação política, para que possa intervir nos direitos femininos, expondo problemas desse gênero, como a violência contra a mulher e os abusos que essas sofrem. Em contrapartida, é possível dizer que a baixa representatividade não é relacionada com questões de capacidade intelectual. Esse descompasso pode ser atribuído, segundo estudos eleitorais, a fatores como falta de apoio material às candidaturas femininas, e ao maior sucesso eleitoral dos candidatos que já eram parlamentares anteriormente. Além disso, em 2018, entre as candidaturas para o cargo de deputado federal que contaram com receita superior a 1 milhão de reais, apenas 18,0% eram de mulheres. (IBGE – Estatísticas de Gênero).

Apesar da representatividade na área política ser baixa, as mulheres, atualmente, são maioria no que diz respeito a pessoas com curso superior completo (Figura 3), além de possuírem maior frequência escolar. Segundo o Censo, uma mulher de 18 a 24 anos tinha, em 2019, cerca de 38% mais chances de estar frequentando ou já ter terminado o ensino superior do que um homem da mesma faixa etária.

Figura 3: População, por idade e gênero, com ensino superior completo, Brasil, 2019.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Com esses dados do segundo trimestre de 2019, podemos notar que as mulheres com faixa etária de menos que 65 anos são maioria, dentre seus grupos de idade, com ensino superior completo. Por conseguinte, pode-se dizer que essa mudança na educação passa a refletir na sociedade também, apesar de lentamente, o que contribui para o maior estudo e maior problematização sobre as desigualdades femininas na sociedade como um todo, uma vez que se passa a

ter mais pessoas interessadas em temas como esse nas Universidades, é natural que as pesquisas sobre passem a entrar em pauta e, apesar de certa resistência sobre o assunto, este, aos poucos, vai se inserindo no meio.

Considerações Finais

Por fim, é possível dizer que a Geografia teve uma ampla trajetória até passa a tratar sobre assuntos que envolvessem as relações sociais em suas pesquisas, mas que abordar esse tema é essencial para a ciência, contribuindo para a compreensão da sociedade como um todo, e os fenômenos que ocorrem nesta. Dessa forma, a pesquisa contribui para auxiliar nos problemas decorrentes da sociedade como um todo, uma vez que os estudos podem determinar suas origens e apontar formas de resolução, além de expor as problemáticas sociais.

Com relação ao enfoque na mulher e na violência que esta sofre por seu gênero, cabe também a Geografia fazer a análise crítica sobre esse tema, uma vez que a principal origem dessa advém da desigualdade entre os sexos, e, como uma ciência humana, que visa também as relações sociais não se pode deixar de analisar as diferenças entre homens e mulheres e as origens socioespaciais dessa.

Como contribuição, a pesquisa sobre a relação feminina e a violência contra a mulher pode evidenciar a origem dessas, auxiliar na informação sobre as ocorrências, observar padrões e possíveis causas, evidenciando os problemas que decorrem dessa violência e ajudando a colocar essa como um real problema da sociedade que deve ser tratado de maneira séria, visando uma resolução sobre a desigualdade de gênero de maneira geral, além de dar visibilidade a questão, que pode, muitas vezes, ser tratada com uma certa invisibilidade.

Além disso, o espaço geográfico é composto pela interação de homens e mulheres, cabendo a Geografia pesquisar e visar entender essa relação social que ocorre no espaço, que auxiliou na formação deste e vem auxiliando na nova construção, uma vez que as diferenciações de gênero presentes na atualidade são consequências históricas e necessitam de mudanças em diversos aspectos para se chegar à igualdade.

Referências

FREIRE, Mariana Romanzini. OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Magela. A importância da pesquisa na Geografia: Uma relação com a Geografia de Gênero. **Boletim Alfenense Geografia**. Alfenas. v.2, n.4, p.173-188, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-10>

Artigos em Revistas

ABREU, M. A. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação-contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. **RBG** 56 (1/4): 21-122, jan-dez.1994.

ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP** 9(1), 2010.

ANDRÉ, Isabel Margarida. O gênero em geografia: Introdução a um novo tema. **Finisterra**, Lisboa, XXV, n 50, p. 331 – 348. 1990.

ARAÚJO, Eliane Alvarenga de. A importância da pesquisa para a formação e o desenvolvimento acadêmico. *Inf.&Inf.*, Londrina, v.1, n.1, p.18-21, jan./jun. 1996.

BESSA, Kelly Cristine. A diferenciação especial e as interpretações da Geografia teórico-quantitativa e da geografia crítica. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia 16 (31): 101-124, dezembro de 2004.

BORGES, Camila Delatorre; SANTOS, Manoel Antônio Dos. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Revista da SPAGESP** - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Jan.-Jun. 2005, Vol. 6, No. 1, pp. 74-80.

CAMARGO, José Carlos Godoy; REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. Considerações a respeito da geografia neopositivista no Brasil. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 29, n. 3, p. 355-382, set./dez. 2004.

CASTRO, Cloves Alexandre de. Movimento social e Geografia: contribuições ao debate. **Revista Nera**. Presidente Prudente – Ano 16, Nº 23. Pp. 81 – 108. Dezembro de 2013.

GONÇALVES, Clayton Pereira; SINAY, Maria Cristina Fogliatti; AYROSA, Eduardo André Teixeira. Violência contra a mulher no Brasil: Uma análise multivariável acerca dos homicídios de mulheres entre 1981 – 2016. **Revista Latino-Americana de Geografia de Gênero**. v. 11, n. 1, p. 98 112, 2020. ISSN 21772886.

IBGE – Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica, n.38.

MARTINS, Heloisa Helena T. De Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia (A geograficidade e o diálogo das Ontologias). **GEOgraphia** – Ano 6 – Nº 11 – 2004.

RODRIGUES, Auro de Jesus. Geografia: introdução à ciência geográfica. São Paulo: **Avercamp**, 2008.

SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. **Terra Livre**, São Paulo, n. 5, p. 9-20, 1988.

SILVA, Susana Velda. Os estudos de gênero no Brasil: Algumas considerações. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidade de Barcelona [ISSN 1138-9796] No 262, 15 de novembro de 2000.

FREIRE, Mariana Romanzini. OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Magela. A importância da pesquisa na Geografia: Uma relação com a Geografia de Gênero. **Boletim Alfenense Geografia**. Alfenas. v.2, n.4, p.173-188, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-10>

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André de Morais. Gênero e a Geografia brasileira: Uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*. p.185-200, V.11, n.15, jan-jun.2015.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional** n – 8 (1): 31 – 45. 2003.

SUNDE, Rosario Martinho; SUNDE, Lucildina Muzuri Conferso; ESTEVES, Larissa Fenalte. Feminicídio durante a pandemia da COVID-19. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, v. 32, n. 1p.55-73, 2021.

Livros

MOREIRA, RUY. **Para onde vai o pensamento geográfico: Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2009

SANTOS, M. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1988.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica De. O que é violência contra a mulher. Coleção Primeiros Passos.

Sites

AGÊNCIA BRASIL, Direitos Humanos. Sete em cada 10 vítimas de feminicídio em SP foram mortas em casa. Agência Brasil, Publicado em 13/04/2020-21:51 Por Camila Boehm-Repórter da Agência Brasil-São Paulo, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-04/sete-em-cada-10-vitimas-de-femicidio-em-sp-foram-mortas-em-casa> ; acesso em agosto de 2022.

BRASIL. Departamento de Informática do SUS. Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Datasus, 2018. Disponível em: <http://sim.saude.gov.br/> . Acesso em: agosto de 2022.

IBGE, Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação por Sexo e Idade para o Período 2010-2060, Revisão 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf Acesso em: agosto de 2022.

REPOSITÓRIO de dados eleitorais. Brasília, DF: Tribunal Superior Eleitoral - TSE, 2020. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/hotsites/pesquisas-eleitorais/index.html> . Acesso em: agosto de 2022.

Trabalhos de Conclusão de Curso

CAMPOS, Mariana de Lima. MOVIMENTOS DE MULHERES DO CAMPO E POLÍTICAS PÚBLICAS: uma análise do papel dos movimentos sociais em relação às iniciativas voltadas ao enfrentamento da violência contra as mulheres em Minas Gerais. **Fundação João Pinheiro**, Escola de Governo Professor

Paulo Neves de Carvalho Programa de Mestrado em Administração Pública. Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Renata Andrade De. Cultura Política e Gênero na América Latina: estudo sobre as dimensões subjetivas da sub-representação feminina. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências humanas, letras e artes. Departamento de ciências sociais. Programa de pós-graduação em ciências sociais. Maringá, 2015.